

Projeto de Pesquisa Interdisciplinaridade entre literatura negra e biologia no ensino médio

Brendah Souza Santos

Instituto Federal de Goiás - , campus Jataí - IFG, GO, Brasil

brendahsouzasantos@gmail.com

Rita Rodrigues de Souza

Instituto Federal de Goiás - , campus Jataí- IFG, GO, Brasil

rita.souza@ifg.edu.br

RESUMO: O presente artigo aborda um projeto de pesquisa sobre as relações étnico- raciais e ensino de ciências dentro da sala de aula por meio de um estudo qualitativo. O objetivo desta pesquisa consiste em verificar por meio da revisão de literatura os trabalhos já realizados sobre a interdisciplinaridade da Literatura e o ensino de ciências na disciplina de Biologia. A metodologia empregada é com base na proposta didática para a pedagogia histórico-crítica, desenvolvida por Gasparin (2012). A fundamentação teórica compreende os estudos de Nilma Gomes, Djamila Ribeiro, Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos e a escrita autobiográfica de Carolina Maria de Jesus. Espera-se promover uma proposta didática decolonial a partir da interdisciplinaridade entre as disciplinas de Literatura e Biologia a fim de possibilitar ao aluno outras percepções sobre o fazer científico, além de também combater as práticas racistas socialmente naturalizadas e replicadas.

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/2003. Racismo. Ensino de Ciências.

ABSTRACT: The present article addresses ethnic-racial relations and science teaching within the classroom through a qualitative study. The objective of this research is to verify, through a literature review, the works already carried out on the interdisciplinarity of Literature and the teaching of sciences in the Biology subject. The methodology employed is based on the pedagogical proposal for historical-critical pedagogy, developed by Gasparin (2012). The theoretical foundation includes the studies of Nilma Gomes, Djamila Ribeiro, Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, and the autobiographical writing of Carolina Maria de Jesus. It is expected to promote a decolonial didactic proposal through the interdisciplinarity between the disciplines of Literature and Biology in order to provide students with alternative perceptions of scientific practice, as well as to combat socially naturalized and replicated racist practices.

KEYWORDS: *Law 10.639/2003. Racism. Science Teaching.*

INTRODUÇÃO

O ensino da cultura afro-brasileira é obrigatório na educação básica, de acordo com a Lei nº 10.639/03. O segundo parágrafo do Art. 26A, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96 (BRASIL, 1996), alterado pela Lei nº 10.639/03, estabelece que os “conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”. Com isso, objetiva-se evidenciar a história brasileira e fomentar discussões sobre pertencimento e reconhecimento dos(as) alunos(as) sobre nossas raízes culturais. Apesar de disciplinas como Educação Artística, Literatura e História serem as mais requisitadas para fomentar as discussões, outras disciplinas também podem e devem promover a conscientização de questões étnico-raciais de forma interdisciplinar, como a Biologia, por exemplo.

A atuação como docente na rede de ensino médio público estadual como professora temporária de Língua Portuguesa, me provocou vários questionamentos relacionados à implementação da Lei nº 10. 639/03. Nesse contexto escolar, observei que a Literatura Negra e os conteúdos étnico-raciais são pouco ou superficialmente abordados, não sendo trabalhados de maneira efetiva, direcionada e intencionada como estabelecido pela Lei nº 10. 639/03. Pensar em metodologias de desconstrução de estereótipos dentro da sala de aula é essencial para a formação do(a) aluno(a) do ensino básico. Para isso, é necessário que os(as) professores(as) discutam medidas de enfrentamento antirracistas, promovendo o pensamento crítico do(a) aluno(a), debatendo questões étnico-raciais rememorando a História étnico- racial brasileira, pautada inicialmente na exploração de corpos negros para a construção do Brasil.

A normalização do racismo está presente nas próprias práticas sociais, que contribuem para a construção de subjetividades dos indivíduos porque o racismo é “[...] um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo [...]” (RIBEIRO, 2019, p.12). Nesse sentido, são reforçados discursos discriminatórios e exclusivistas que padronizam e favorecem corpos brancos em propagandas televisivas, também, no estudo e ensino exclusivo de obras eurocêntricas na escola.

A partir da problemática descrita até aqui, proponho a realização de uma pesquisa de mestrado, intitulada *Interdisciplinaridade entre literatura negra e biologia no ensino médio: aplicação da Lei nº 10.639/03 a partir da Pedagogia Histórico-Crítica*, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação, Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Jataí (IFG), a fim de pensar metodologias que abordem a Literatura Negra dentro da sala de aula em diálogo com a área de Biologia. A Literatura Negra é uma Literatura produzida por autores(as) negros(as) que escrevem a partir das suas próprias subjetividades e vivências, em conformidade com o movimento decolonial defendido por Quijano (2009) como sendo a produção do conhecimento que vai contra o conhecimento do colonizador enraizado e válido ainda na nossa contemporaneidade.

O processo de colonização do Brasil, intencionalmente, subordinou pessoas negras às brancas e extinguiu culturas africanas por meio do epistemicídio, inviabilizando os saberes desses corpos negros, por isso a necessidade de questionar a produção de conhecimento vigente. Djamila Ribeiro (2019) expõe a necessidade de “romper com uma tradição que legitimava o racismo científico-teorias biologizantes formuladas no século XX que preconizavam uma suposta inferioridade natural do negro como forma de justificar a escravidão nas Américas” (p.19).

Este artigo aborda o projeto de pesquisa *Interdisciplinaridade entre literatura negra e biologia no ensino médio: aplicação da Lei nº 10.639/03 a partir da Pedagogia Histórico- Crítica* em andamento e busca, assim, o estabelecimento de discussões sobre raça e racismo por meio do ensino dos conceitos de racismo estrutural e racismo científico utilizando a obra da autora Carolina Maria de Jesus, “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, para contribuir com a discussão e reflexões. Esses conteúdos serão abordados em uma sequência didática interdisciplinar, contemplando as disciplinas de Língua Portuguesa e Biologia, que culminará em uma produção final de panfletos de conscientização por parte dos(as) estudantes.

A utilização de conceitos como o racismo estrutural, na pesquisa a ser realizada, é necessária para a compreensão da nossa História. Nesse sentido, o racismo estrutural pode ser observado por meio de microagressões destinadas à população negra, em ações coletivas e inconscientes que foram naturalizadas no cotidiano do país. Dessa maneira, o racismo é um mecanismo de dominação “[...] que tem seu êxito por justamente ser a-histórico, dentro de um processo epistemicída, impedindo o colonizado de reconhecer a sua colonização atemporal[.]” (FIGUEIREDO; NUNES, PINHEIRO, 2019, p.162).

Para sustentar a discussão sobre a normalização de atos racistas nas relações sociais, será utilizado o conceito de racismo abordado no livro “Pequeno Manual Antirracista” (RIBEIRO, 2019) que traça e explica como atos racistas se estendem até hoje e são replicados involuntariamente nas nossas interações sociais, se caracterizando, dessa maneira, como leitura necessária visto que a filósofa Djamila Ribeiro propõe o reconhecimento das práticas racistas nas nossas relações sociais e orienta estratégias para combater o racismo no Brasil. Além disso, o livro “Movimento Negro educador” (GOMES, 2018), será imprescindível para rememorar os movimentos sociais na conquista de ações afirmativas como a Lei nº10.639/03, essencial para promover a História Afro-brasileira nas escolas.

Ademais, o livro “Decolonialidades na Educação em Ciências” (MONTEIRO *et al.*, 2019) e “Epistemologias do Sul” (SANTOS *et al.*, 2009), aliado ao conceito de colonialidade do saber em Aníbal Quijano, darão suporte para desmontar e entender o processo cruel de coisificação do sujeito negro a partir de sua nomeação (negro/a) que foi construído de maneira negativa e subordinatória a partir do Período de Colonização e a importância da decolonialidade para promover saberes emancipatórios por meio da ciência.

A relevância acadêmica da pesquisa em andamento se centra na necessidade de abordar a Literatura Negra de modo interdisciplinar, entrelaçando conceitos como racismo estrutural e racismo científico a fim de propor articulações e novas práticas metodológicas dentro da sala de aula. Nesse sentido, a relevância social da pesquisa é contribuir para fomentar novas formas de se discutir questões étnico-raciais a partir da Biologia, possibilitando a relação da Literatura Negra não apenas com a História, mas também pelo viés científico, desmistificando crenças pré-estabelecidas sobre a comunidade negra. Assim, discursos coloniais que ainda ecoam na nossa sociedade e que se instalaram tão fortemente nas nossas vivências, poderão ser refletidos e discutidos pelos(as) alunos(as), compreendendo a história étnico-racial do nosso país. E para sulear o trabalho, foi elencada a seguinte pergunta-síntese: Como o trabalho pedagógico interdisciplinar entre Literatura Negra e Biologia, em sala de aula, pode favorecer o aprendizado sobre questões étnico-raciais?

A revisão de literatura, em andamento, inicialmente, contempla 10 (dez) revistas acadêmicas sobre literatura e decolonialidade localizadas em *sites* como *Google Acadêmico* e periódicos da Capes. As palavras-chave usadas para a seleção dessas revistas foram: Literatura, Literatura Negra, Biologia e Lei nº10.639/03. No decorrer do aprofundamento da busca, a palavra-chave Biologia foi retirada para ampliar as buscas sobre metodologias e pesquisas que fomentam a Lei nº10.639/03 nas escolas. Essa alternativa foi pensada para ampliar a perspectiva que está sendo construída na academia, pensando em promover a educação decolonial dentro da sala de aula. Dentre os trabalhos encontrados, foram lidos artigos submetidos na revista RIAEE (Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação) na qual foi delimitado o artigo de revisão bibliográfica: “Formação de professores de ciências para as relações étnico-raciais: uma revisão sistemática da literatura” que possibilitou a delimitação de mais 10 artigos que se relacionam com o trabalho realizado pela professora Dra. Nilma Gomes.

A professora pesquisadora Nilma Gomes é reconhecida pelas produções sobre a contestação dos currículos escolares, também pelo trabalho de formação de professores para a diversidade étnico-racial, movimentos sociais e educação, relações raciais, diversidade cultural e gênero.

O ensino de Literatura afro-brasileira, geralmente, é trabalhado apenas no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra e Dia Nacional de Zumbi de Palmares, não sendo desenvolvido durante o período letivo no ensino médio. Nesse sentido, é necessário buscar metodologias e práticas que garantam o ensino da história afrodescendente no currículo escolar. Para isso, propõe-se o trabalho interdisciplinar entre Literatura e Biologia a fim de promover diálogos antirracistas. Os conceitos de racismo estrutural e racismo científico serão abordados no trabalho para garantir o aprendizado antirracista.

Nesse sentido, o racismo científico é um conceito que se refere ao uso de teorias e práticas científicas para legitimar a crença na superioridade de determinadas raças em relação a outras. Para compreender esse conceito, é necessário rememorar os três séculos de escravidão (1550-1888) que o

Brasil enfrentou. Desde sua formação, pautada na colonização dos portugueses sobre a América, evidencia-se a exploração e subordinação de pessoas consideradas inferiores como os povos nativos e africanos, enaltecendo o saber e a cultura apenas das pessoas brancas (europeias). A partir disso, mesmo após a abolição da escravatura (1888) houve muitas estratégias de manutenção do poder europeu, entre elas a eugenia da população que se iniciou no século XIX e tinha como objetivo o embranquecimento do Brasil. A eugenia foi uma pseudociência criada por Francis Galton se baseando na teoria do darwinismo social, considerando a raça branca como superior.

O eugenismo era constituído por duas vertentes: a monogenista e a poligenista. O monogenismo sustenta que toda a humanidade descende de um único ancestral comum, com as diferenças raciais resultando de variações ambientais ao longo do tempo, enquanto o poligenismo argumenta que as diferentes "raças" humanas têm origens distintas, implicando em diferenças biológicas mais profundas. No contexto do eugenismo, o monogenismo propunha a melhoria das "linhagens degeneradas" através da eugenia, enquanto o poligenismo justificava a segregação e dominação racial, defendendo que algumas raças eram inerentemente superiores às outras. Dessa forma,

A eugenia ajustou-se como uma luva à necessidade do país em dar um destino ao povo negro diante do quadro da abolição da escravatura, sendo que a partir dela foram propostas soluções para aquilo que era considerado o grande problema do Brasil, a mestiçagem. (FIGUEIREDO; NUNES; PINHEIRO, 2019, p.165).

O eugenismo e o darwinismo social, assim,

[...] estiveram declaradamente presentes na sociedade brasileira até que em 1930 começaram a se camuflar com a farsa da Democracia Racial. Segundo esta proposição, devido a sua pluralidade racial e miscigenação, a população brasileira viveria harmoniosamente e, portanto, não haveria racismo no Brasil. (FIGUEIREDO; NUNES; PINHEIRO, 2019, p. 168).

O mito da democracia racial, essa crença foi disseminada por intelectuais e elites políticas que argumentavam que o Brasil, por ser uma sociedade miscigenada, não enfrentava o racismo de forma estrutural. Além disso, “esse mito afirma que no Brasil houve transcendência dos conflitos raciais pela harmonia entre negros e brancos, traduzida na miscigenação e na ausência de leis segregadoras” (RIBEIRO, 2019, p.19). No entanto, o racismo sempre esteve presente no Brasil de forma velada, manifestando-se por meio de desigualdades sociais, econômicas e oportunidades, especialmente contra a população negra e indígena. Assim, o mito da democracia racial serviu para ocultar as discriminações e tensões raciais que persistem até hoje.

A partir disso, propõe-se o trabalho interdisciplinar entre Língua Portuguesa e Biologia para promover discussões sobre as relações étnico-raciais. Para se pensar em um trabalho interdisciplinar, é imprescindível discutir a formação de professores que torne essa interligação possível. Nesse sentido, Fazenda compreende que “[...] cada disciplina precisa ser analisada não apenas no lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade” (FAZENDA,

2015, p.10).

Foi observado que a Literatura não é discutida de forma interdisciplinar com a História negro-brasileira ao ensino de Biologia, sendo esta uma abordagem possível para que sejam trabalhados conceitos como o racismo científico, oferecendo aos(as) alunos(as) novos olhares sobre o tema, reconhecendo que a ciência também influencia na maneira de pensar da sociedade, além de interferir na produção de conhecimento e validação, visto que a Ciência que foi e ainda é a eurocêntrica, pautada no reconhecimento de cientistas brancos, desconsidera a produção do conhecimento de outras culturas.

Para discutir os conceitos de racismo estrutural e racismo científico, para Fazenda (2003), é necessário um estudo aplicado, visto que

falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática ou prática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer igualmente uma profunda pesquisa nas potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem as estiver praticando ou pesquisando a humanidade (RENÉ LOURAU (1993) *apud* FAZENDA, 2003, p.12).

Nesse sentido, tornar o trabalho interdisciplinar não

é propor a superação de um ensino organizado por disciplinas, mas a criação de condições de ensinar em função das relações dinâmicas entre as diferentes disciplinas, aliando-se aos problemas da sociedade. A Interdisciplinaridade torna-se possível, então, na medida em que se respeite a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo-se em vista um conhecer melhor (FAZENDA, 2011, p. 89).

Dessa maneira, faz-se necessário discutir as práticas racistas em conjunto com a Biologia e a Literatura, a fim de questionar esse problema social. Logo, a interdisciplinaridade entre a Literatura Negra aliada à ciência é essencial para que o(a) estudante compreenda criticamente o processo cultural e histórico de apagamento da comunidade negra no Brasil, além de agir no combate ao racismo. Assim, “o olhar interdisciplinar sustentado pela intervenção educativa nos convida, de fato, a questionar a prática profissional dentro de uma perspectiva multirreferencial” (FAZENDA, 2015, p.14).

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia da pesquisa em andamento está embasada na pedagogia histórico- crítica, que é uma teoria pedagógica estruturada por Demerval Saviani que busca articular a educação ao processo histórico, entendendo que o ensino deve contribuir para a transformação social. Tendo como base o materialismo histórico-dialético de Marx, a pedagogia histórico-crítica compreende o espaço escolar como um lugar de formação humana, em que o estudante precisa superar o senso comum. Essa superação é realizada a partir dos conhecimentos prévios que o aluno possui e o conhecimento científico para que ele se emancipe.

A pesquisa, portanto, se apoia na proposta didática de Luiz Gasparin que estrutura uma nova forma de pensar a pedagogia histórico-crítica por meio de uma didática, os cinco passos para a pedagogia histórico-crítica. Gasparin (2012), dessa forma, está sendo utilizado para propor a reflexão das relações étnico raciais de maneira interdisciplinar com o ensino de ciências para a formação crítica do aluno. Essa metodologia será descrita com mais precisão no produto educacional.

Dentre as várias modalidades de natureza interventiva, este projeto se caracteriza como uma pesquisa de desenvolvimento, que de acordo com Teixeira e Neto (2017), as “pesquisas de desenvolvimento têm seu foco na descrição e análise do processo de desenvolvimento de produto ou processo” (TEIXEIRA; NETO, 2017, p. 1072). Além disso, a pesquisa é de natureza qualitativa, avaliando os processos de desenvolvimento do produto aliado à pesquisa teórica, por meio da observação da professora durante as rodas de conversa, verificando a aplicação dos conceitos de racismo estrutural e racismo científico dos estudantes na identificação de situações práticas/reais.

A pesquisa é qualitativa com o estudo de livros, artigos e teóricos que abordam a aplicação da Lei nº10.639/03 nas escolas, o ensino de Literatura afro-brasileira e Biologia de forma interdisciplinar. Por conseguinte, será realizada a interpretação e reflexão das informações a fim de propor uma sequência didática que possibilite a aprendizagem dos conceitos de racismo estrutural e racismo científico a fim de promover discussões étnico- raciais dentro do contexto escolar.

As inquietações sobre a educação atual incentivaram a observação minuciosa de que a Lei nº 10.639/03 não é aplicada nas escolas. A discussão sobre as relações étnico-raciais é silenciada ou apenas lembrada no Dia 20 de novembro, em que se é comemorado o Dia de Zumbi de Palmares e da Consciência Negra. Nesse sentido, atividades e discussões pontuais não transformam a cultura racista da escola e, além disso, vai contra a efetivação da lei que prevê o trabalho constante desses conteúdos durante todo o ano escolar. Urge, portanto, que metodologias sejam propostas para que os(as) professores(as) promovam o debate e a conscientização sobre as relações étnico-raciais dentro da sala de aula.

Serão realizadas discussões com os estudantes durante toda a aplicação da sequência didática acerca dos discursos eurocêntricos que são reforçados socialmente. Proporcionar esses diálogos com alunos da educação básica é necessário para descolonizar o currículo da escola, visto que o ensino escolar é, muitas vezes, vinculado a obras preferencialmente de autores brancos ou métodos guiados pelo docente, que perpetuam atos racistas. Nesse sentido, busca-se repensar as práticas metodológicas abordadas dentro da sala de aula, a fim de promover o reconhecimento da identidade dos(as) alunos(as), tornando-os(as) sujeitos críticos e engajados, desvencilhando-os do pensamento eurocêntrico, esse que é centrado por meio de gênero, raça e classe, sendo o homem, branco e imperialista a figura do dominador.

Para a materialização da pesquisa, será utilizada a obra de escritores e escritoras negras como: Carolina Maria de Jesus (2021) e Djamilia Ribeiro (2019) e o entendimento do darwinismo social, para promover o pensamento crítico decolonial. Nesse sentido, o produto educacional

fundamentar-se-á nos estudos do professor João Luiz Gasparin, especificamente em seu livro Uma didática para a pedagogia histórico-crítica (2012). A partir dos estudos de Dermeval Saviani, Gasparin propôs uma didática fundamentada teórico-metodologicamente no materialismo histórico-dialético. Nela, é proposto um novo processo de ensino e aprendizagem a partir da diretriz fundamental do materialismo histórico-dialético: a prática- teoria-prática, nomeada como práxis, que compreende o aprendizado partindo primeiramente da prática do estudante, em seguida o contato com a teoria para que, por fim, retome a prática e apreenda a realidade de uma nova forma, transformando-a.

A pesquisa em andamento surge da necessidade da transformação social, e ela só é possível a partir da compreensão crítica da realidade. Nesse sentido, é necessária a atuação do(a) professor(a) como articulador(a) do conhecimento de maneira contextualizada possibilitando evidenciar aos/às alunos/as que os conteúdos são sempre uma “[...] produção histórica de como os homens conduzem sua vida nas relações sociais de trabalho em cada modo de produção” (GASPARIN, 2012, p. 2). Essa postura crítica é necessária visto que a escola tradicional se baseia em métodos de memorização e na fragmentação entre a teoria e a prática, tendo como foco principal apenas o resultado nas avaliações externas, causando “[...] um engessamento das práticas avaliativas e uma supervalorização dos testes objetivos que reproduzem os moldes das avaliações externas” (ALVERNANZ; SOUZA; HENRIQUE, 2021, p. 01).

A partir disso, a intencionalidade da pesquisa é propor uma sequência didática por meio de cinco passos que também implicará no produto educacional, eles são: a prática social inicial (o que os alunos e os professores já sabem), problematização (reflexão dos principais problemas da prática social), instrumentalização (ações didático-pedagógicas), catarse (nova forma de entender a prática social) e por fim, a prática social final do conteúdo (nova proposta de ação a partir do novo conteúdo sistematizado). Segundo Gasparin (2012, p.8),

esse processo de prática-teoria-prática não é linear, mas se desenvolve em círculos concêntricos e crescentes, possibilitando ao aluno a busca contínua de novos conhecimentos e novas práticas. Trata-se de uma concepção metodológica que propõe um equilíbrio entre teoria e prática e os processos indutivo e dedutivo na construção do conhecimento escolar.

Esse processo nomeado como práxis visa estabelecer a relação da prática com a teoria a fim de propiciar conhecimento científico e político, objetivando uma sociedade democrática e equitativa. Ressalta-se que Saviani contesta o termo “passos”, visto que, para ele, pode ser engessado, ou que pode ser entendido como obrigatório com a ideia imutável de que deve ser seguido, sugerindo que se repense em outras nomeações para a aplicação da didática da pedagogia histórico crítica. Esse comentário do professor foi citado no vídeo disponibilizado na plataforma do *youtube* no canal HISTEDBR que é um grupo de estudos e pesquisas chamado História, Sociedade e Educação no Brasil no recorte intitulado Aula 01 introdução: caracterização geral da PHC como teoria pedagógica - Dermeval Saviani”.

Esse produto educacional consistirá em uma sequência didática, vinculada à pesquisa do Programa de Mestrado Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Jataí, intitulada “Interdisciplinaridade entre Literatura Negra e Biologia no ensino médio: aplicação da Lei nº 10.639/03 a partir da Pedagogia Histórico- Crítica”. Tem como objetivo promover uma reflexão coletiva de caráter teórico-prático sobre o ensino da cultura afro-brasileira de forma interdisciplinar entre Literatura e Biologia nas escolas, e a estruturação de uma metodologia orientada por uma perspectiva histórico-crítica para propor discussões étnico-raciais em sala de aula.

O público-alvo são alunos que cursam o 1º ano do Ensino Médio da rede pública estadual em uma escola localizada em Rio Verde-GO, no ano de 2025. A sequência didática está prevista para ser desenvolvida em sete aulas de 50 minutos, durante as aulas de literatura e biologia em um colégio estadual, que está localizado na região periférica da cidade de Rio Verde, considerando a didática da pedagogia histórico-crítica. Nesse sentido, a metodologia do produto será baseada nos cinco passos da didática da pedagogia histórico-crítica (GASPARIN, 2012).

Nesse sentido, a coleta das informações da prática social inicial por meio de uma roda de conversa é uma importante mediação para discutir as percepções que os (as) estudantes possuem acerca das relações étnico-raciais. Ao relatarem experiências, explicitar suas concepções e compartilharem suas percepções, poderão refletir sobre suas práticas e ações ao relacioná-las com a obra “Quarto de despejo” (JESUS, 2022) e poderão elaborar uma compreensão da realidade para além do dado imediato e do senso comum.

A proposta didática segue as diretrizes do Documento Curricular de Goiás para o ensino médio (DC-GOEM), tendo como base as habilidades e conteúdos relacionados ao nível de ensino dos(as) estudantes do primeiro ano do ensino médio, estes que são documentos que regulam o fazer docente. O objetivo geral é problematizar conteúdos sobre as relações étnico-raciais, a partir da interdisciplinaridade entre Literatura Negra e Biologia em sala de aula, no primeiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual do município de Rio Verde-GO. E os objetivos específicos compreendem:

- a) Identificar os conhecimentos e percepções que os(as) alunos(as) de uma escola da rede estadual do município de Rio Verde-GO possuem sobre as relações étnico- raciais por meio das rodas de conversas produzidas em sala;
- b) Analisar os conhecimentos e percepções que os(as) alunos(as) de uma escola da rede estadual do município de Rio Verde-GO possuem sobre as relações étnico-raciais, cuja análise subsidiará a elaboração de uma sequência didática;
- c) Elaborar uma sequência didática interdisciplinar entre Literatura Negra e Biologia que contemple práticas metodológicas que promovam um processo de ensino- aprendizagem de conteúdos sobre as relações étnico-raciais a partir da concepção filosófica da Pedagogia Histórico-Crítica, configurando o Produto Educacional;

- d) Aplicar a sequência didática interdisciplinar entre Literatura Negra e Biologia para discentes do primeiro ano do ensino médio, cujos resultados dessa aplicação serão analisados a partir da concepção filosófica da Pedagogia Histórico-Crítica;
- e) Verificar a aprendizagem dos(as) alunos(as) após a aplicação da sequência didática por meio de produção de panfletos de conscientização e observação de atitudes e diálogos no decorrer da aplicação da proposta interdisciplinar.

A escolha de Gasparin (2012) como referencial teórico para a sequência didática se justifica na transformação da realidade. A sociedade está em constante mudança e em produção histórica. Nesse sentido, a apreensão da realidade se faz necessária visto que “os conhecimentos científicos necessitam, hoje, ser reconstruídos em suas plurideterminações, dentro das novas condições de produção da vida humana.” (GASPARIN, 2012, p 3). A partir disso, Gasparin propõe cinco momentos para a didática da pedagogia histórico-crítica: Prática Social Inicial do conteúdo, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática Social Final do Conteúdo com o objetivo de orientar o aluno em que “seu pensar e agir podem passar a ter uma perspectiva transformadora da realidade” (GASPARIN, 2012, p. 7). Essa sequência didática possibilitará, dessa forma, que a partir da reflexão sobre a realidade o aluno possa atuar como sujeito crítico no combate do racismo.

Gasparin (2012) propõe uma metodologia de ensino baseada em passos estruturados que visam conectar a prática social dos(as) alunos(as) ao conteúdo acadêmico, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Os passos serão organizados de acordo com os conteúdos previstos para estudantes da 1ª série do ensino médio, a serem ministrados no 1º bimestre, em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com o DC-GOEM, visto que são documentos que orientam o trabalho do docente atuante na educação básica. Em seguida, apresenta-se a estruturação da sequência didática proposta.

Quadro 1 - Organização da Sequência Didática

1º momento: Prática Social Inicial- Aula de Biologia (50 minutos)	
Objetivo:	Identificar o nível de desenvolvimento atual dos(as) educandos(as), partindo do conhecimento prévio deles (as) e do professor sobre o conteúdo a ser trabalhado.
Conteúdos:	Conceito de Raça, Preconceito Racial.
Desenvolvimento:	Anunciar o conteúdo por meio das perguntas: As pessoas são de raças diferentes? A raça e a cor estão relacionadas de alguma forma? Você gosta da cor da sua pele? Por meio de <i>slides</i> , expor aos(as) alunos(as) depoimentos de pessoas que já foram discriminadas pela cor de suas peles. Incitar os(as) alunos(as) a pensar sobre práticas que já vivenciaram ou perceberam que envolvia situações de hierarquia de raça promovida pelo racismo por meio de uma roda de conversa.

1º momento: Prática Social Inicial- Aula de Língua Portuguesa (50 minutos)	
Objetivo:	Identificar o nível de desenvolvimento atual dos(as) educandos (as), partindo do conhecimento prévio deles(as) e da professora sobre o conteúdo a ser trabalhado.
Conteúdos:	Consciência Racial, Racismo
Desenvolvimento:	Anunciar o conteúdo por meio da pergunta: O que são práticas racistas? O que é consciência racial? Você sente que algumas situações que você já vivenciou poderiam ter sido diferentes se tivesse outra cor? Slides que representam por meio de imagens situações de racismo dentro e fora do ambiente escolar, promovendo o debate social acerca de situações preconceituosas ou racistas que já enfrentaram por meio de uma roda de conversa. Finalizar com a pergunta: a cor interfere na forma como somos tratados nos ambientes sociais?
Avaliação:	Por meio de diálogo, a professora busca conhecer as experiências prévias dos(as) alunos(as) em relação ao conteúdo, percebendo como eles(as) vivenciam esse conteúdo em seu cotidiano, desafiando-os a expressar suas curiosidades e o que gostariam de aprender mais sobre o assunto.

2º momento: Problematização-Aula de Biologia (50 minutos)	
Objetivo:	Explicar os principais problemas relacionados à prática social, vinculados ao conteúdo que será estudado.
Conteúdos:	Preconceito Racial, Racismo Científico
Desenvolvimento:	<p>a) Promover uma breve discussão sobre o problema (racismo) incluindo questionamentos iniciais sobre o fazer científico. Por meio de desenhos ou escrita sobre a representação de cientistas na ciência realizada pelos(as) alunos(as) no próprio caderno, os (as) alunos(as) vão refletir sobre o perfil do(a) cientista. Instigá-los(as) por meio da pergunta: qual é a imagem de um(a) cientista? Expor o vídeo “Por mais mulheres negras na ciência Gabryele Moreira TEDxBeloHorizonte”. Incitar os(as) alunos(as) com a pergunta: você mudou sua percepção do que é ser um(a) cientista? Como?</p> <p>b) Transformar esse conhecimento em perguntas problematizadoras, levando em consideração as dimensões científica, conceitual e cultural. Qual é a imagem de um(a) cientista? Cada um tem o seu próprio lugar de estar?</p>

2º momento: Problematização-Aula de Língua Portuguesa (50 minutos)	
Objetivo:	Explicar os principais problemas relacionados à prática social, vinculados ao conteúdo que será estudado.
Conteúdos:	Preconceito Racial, Segregação Racial.

Desenvolvimento:	<p>a) A professora promove uma breve discussão sobre esses problemas em relação ao conteúdo científico do programa, buscando compreender por que o conteúdo escolar deve ou precisa ser aprendido; Serão apresentados aos(as) alunos(as) 6 recortes dos textos contidos na obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. Pedir para que os(as) alunos(as) relacionem, por meio de registros no caderno, a vida e a obra de Jesus ao conteúdo já visto a fim de que realizem comentários em seus cadernos e leiam para a turma com o intuito de estabelecer discussões, expondo suas percepções da leitura.</p> <p>Transforma esse conhecimento em perguntas problematizadoras, levando em consideração as dimensões científica, conceitual e cultural. Qual é o lugar destinado às pessoas negras? Qual é a cor da sua pele? A nossa aparência determina a nossa profissão? Como Carolina se sente em relação à sua realidade? Você conhece alguma Carolina? Há alguma</p> <p>b) relação entre a cor da pele e os aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos?</p>
-------------------------	--

3º momento: Instrumentalização Aula de Biologia (50 minutos)	
Objetivo:	Trabalhar a aprendizagem de modo que o professor e os(as) educandos(as) se dediquem à apropriação do conhecimento científico.
Conteúdos:	Racismo Científico, Teorias Raciais no Brasil, Mito da Democracia Racial.
Desenvolvimento:	<p>a) O professor apresenta aos(as) alunos(as), através de ações docentes adequadas, o conhecimento científico, formal, abstrato, conforme as dimensões escolhidas na fase anterior; os(as) educandos(as), por sua vez, por meio de ações, estabelecerão uma comparação mental com a vivência cotidiana que possuem desse mesmo conhecimento, a fim de se apropriar do novo conteúdo;</p> <p>Será abordado o conceito de Racismo científico: em <i>slides</i>, apresentar imagens de diferentes crânios humanos expostos em museus do Brasil e questionar a turma se eles acreditam que há diferenças morfológicas muito significativas entre eles (10-15 min). A partir disso, o (a) professor(a) explicará o que foi o Racismo Científico e o que isso tem a ver com crânios, mostrando que foi uma das maneiras de classificar os grupos sociais que deveriam ser exterminados fisicamente e/ou culturalmente. Após esse momento, será mostrado um vídeo que explica um panorama das teorias raciais: “A entrada das teorias raciais no Brasil” de Lilia Schwarcz https://www.youtube.com/watch?v=93f7nkbD7tY. Após o vídeo, o professor propõe que os(as) estudantes possam falar sobre o que entenderam, havendo espaço de trocas e comentários entre eles(as).</p>

4º momento: Catarse Aula de Biologia (50 minutos)	
Objetivo:	Expressar a elaboração de uma nova forma de entender a teoria e a prática social.
Conteúdos:	Racismo, Racismo Científico.
Desenvolvimento:	<p>a) A catarse se realiza por meio da nova síntese mental a que o(a) educando(a) chegou; manifesta-se através da nova postura mental unindo o cotidiano ao científico em uma nova totalidade concreta no pensamento. Nesse momento, o educando faz um resumo de tudo o que aprendeu, segundo as dimensões do conteúdo estudadas. É a elaboração mental do novo conceito do conteúdo;</p> <p>Seguida a abordagem metodológica dos conteúdos (aula anterior): de forma dialógica será retomado o que foi abordado no vídeo da aula anterior, lembrando alguns nomes das chamadas “pseudociências”. Em seguida, o(a) professor(a) colocará na lousa a seguinte frase: "Se Racismo Científico é o nome do conceito que hierarquiza diferentes raças através de práticas hoje não consideradas científicas, o que é raça?". Os(As) alunos(as) devem ir colocando na lousa palavras chave ou pequenas frases sobre o que acreditam ser raça. Para aprofundar mais, a professora deve continuar mediando as respostas incluindo mais questionamentos como “o que esse conceito se relaciona com as problemáticas sociais enfrentadas pela população negra hoje?” “somos todos iguais?”, etc. Após este momento, será explicado com base no que os alunos escreveram e no que foi dito na aula anterior, as duas separações que temos entre raça enquanto conceito biológico e raça enquanto conceito social.</p>

5º momento: Prática Social Final Aula de Língua Portuguesa (50 minutos)	
Objetivo:	Assumir uma nova proposta de ação a partir do que foi aprendido, consistindo em um novo nível de desenvolvimento atual do educando.
Conteúdos:	Consciência Racial.
Desenvolvimento:	<p>a) Pela nova postura prática, pelas novas atitudes, novas disposições que se expressam nas intenções de como o aluno levará à prática, fora da sala de aula, os novos conhecimentos científicos;</p> <p>Será pedido para que os(as) alunos(as) realizem panfletos conscientizadores que articulem os conceitos e as vivências deles para alertar os colegas sobre o impacto do racismo científico nas práticas sociais. Esses panfletos serão confeccionados de forma conjunta, em grupos e monitorados pelo professor na plataforma CANVA e distribuídos para toda a escola em seguida.</p> <p>b) Pelo compromisso e pelas ações que o(a) educando(a) se dispõe a executar em seu cotidiano, pondo em efetivo exercício social o novo conteúdo científico adquirido.</p>

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a pesquisa em andamento para a aplicação da sequência didática para os alunos (as) do primeiro ano do ensino médio, estudantes de uma escola estadual periférica, busca-se induzir práticas que possam, de alguma maneira, contribuir para o êxito do processo de entendimento das relações étnico-raciais no Brasil, do qual a prática metodológica é componente essencial. Espera-se ainda que os(as) alunos(as) apliquem os conteúdos discutidos durante a sequência didática, refletindo sobre as discussões abordadas na interdisciplinaridade entre a Língua Portuguesa (literatura) e Biologia, interligando os conceitos de racismo estrutural e racismo científico, a fim de serem conscientes sobre suas ações, práticas e falas dentro e fora da sala de aula, com o intuito de cessar práticas racistas a fim de promover o enfrentamento do racismo em contexto local, uma ação que se soma a outras no combate ao racismo no Brasil.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa em andamento busca promover o respeito às diferenças étnico-raciais, para que os estudantes compreendam a formação da identidade brasileira e se reconheçam como pertencentes da história brasileira, a fim de acabar com quaisquer práticas racistas dentro e fora do ambiente escolar. Além disso, espera-se que os(as) estudantes exponham seus aprendizados por meio de uma produção coletiva, realizando panfletos de conscientização de acordo com os procedimentos pedagógicos dos professores envolvidos na elaboração e execução da sequência didática. A avaliação será processual, sendo que, em todas as aulas será observada a participação dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALVERNAZ, A, *et al.* Avaliação externa: implicações na avaliação escolar. **Estud. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 32, e06778.

BRASIL.M. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2003.

BRASIL. M. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF, out. 2004.

BRASIL.Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. **Estatuto da Igualdade Racial**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em 11 de set. de 2024.

BRASIL. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013. BRASIL. Ministério da Educação.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP
Rua Maria Cristina 50, Jardim Casqueiro – Cubatão, São Paulo – fone: (13) 3346-5300

COSSON, R, et al. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula teoria e prática. Acervo digital UNESP, 2011. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40143>.

DERMEVAL, S. **Aula 01 introdução: caracterização geral da PHC como teoria pedagógica - Dermeval Saviani.** HISTEDBR. YouTube, 1 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YHOzmUVMjdY>. Acesso em 11 set. 2024.

FAZENDA, I. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro – efetividade ou ideologia**, 6. ed..São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade: Didática e Prática de Ensino. **Interdisciplinaridade**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 9-20, abr. 2015.

GASPARIN, J. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. rev., 2. reimp. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção educação contemporânea).

GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra. Pesquisa inédita mostra engajamento das secretarias de Educação com aplicação da Lei nº 10.639. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pesquisa-inedita-mostra-engajamento-das-secretarias-de-educacao--com-aplicacao-da-lei-10-639/>. Acesso em 29 ago. 2024.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular para Goiás - Ensino Médio**. 1. ed. Goiânia: Seduc, 2018. Disponível em: <https://goias.gov.br/educacao/wp-content/uploads/sites/40/documentos/PEDAGOGICO/Bimestralizacao%20Formacao%20Geral%20Basica%20DC%20GOEM.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.

GOMES, N. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. 2ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM INTERDISCIPLINARIDADE (GEPI). **Interdisciplinaridade. Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade**, São Paulo: PUCSP, v. 1, n. 6- especial, abril. 2015.

JESUS, G, *et al.* Formação de professores de ciências para as relações étnico-raciais: Uma revisão sistemática da literatura. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024036, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.17993>. Acesso em: 10 abr. 2024.

JESUS, C. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2022.

MONTEIRO, B, *et al.* **Decolonialidades na educação em ciências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. (Coleção culturas, direitos humanos e diversidades na educação em ciências).

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, B, *et al.* **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

TEIXEIRA, P, *et al.* Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva. **Café com Educação**, Jequié, v. 2, n. 4, p. 1055-1076, 2017.